

Costumava-se ouvir muitas histórias familiares referente ao meu avô Domingos Costa Lopes, algumas felizes outras com um fim trágico, meu pai Ricardo Costa Lopes guardava alguns recortes de jornais dos anos de 1960 e 1963, mostrando-me com muito orgulho algumas reportagens referentes ao movimento travado em defesa de terras, cresci tendo a curiosidade de saber mais como de fato foi essa guerrilha que aconteceu em Xerém. Fico emocionado em saber que as torturas sofridas por um parente durante o regime militar deixaram marcas emocionais para outras gerações de minha família, mas seus ideais ficaram marcados na memória dos participantes envolvidos diretamente e indiretamente na história. Sendo neto e graduando em história pela Fundação Educacional de Duque de Caxias resolvi investigar e descrever aproximadamente como de fato aconteceu esse movimento. Ouvindo depoimentos reais de quem participou, pesquisando documentações, fazendo visitas nas fazendas, resolvi colaborar com uma pequena homenagem a todos os envolvidos.

Introdução

Esse artigo tem por objetivo trazer contribuições para pensar a luta pela reforma agrária entre 1960 e 1964, travadas pela associação de lavradores fluminense, que após o golpe militar que resultou na morte e desaparecimento de vários camponeses, inclusive do Presidente do núcleo da Fazenda Cachoeira, que se localizava no 3º distrito e Duque de Caxias: Domingos Costa Lopes.

Tenente Domingos Lopes e a Guerrilha em Xerém:

Na década de 1960, o município de Duque de Caxias, assim como toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, foi palco de muitos atos violentos, envolvendo militantes camponeses e grileiros. Em meio a esses acontecimentos surge o movimento camponês articulado pela associação que estava organizado nas seguintes localidades: São Lourenço, Barro Branco, Lamarão, Santo Antônio, em Imbariê, Santa Cruz, cidade dos meninos, núcleo colonial de Duque de Caxias, Campos Elísio, Capivari e Piranema. Eles lutavam contra a grilagem de suas terras,

isto é, contra a tirania de indivíduos que contavam com a convivência das autoridades locais, com a força das armas e da polícia que os expulsavam e apropriavam-se de suas terras.

Domingos Lopes residia em seu sítio na Estrada de São Lourenço, onde morava com a esposa e cinco filhos. Quando entrou para o movimento camponês, não tinha o apoio da esposa, mas contava com a admiração dos filhos.¹ Para o jornal “O Globo” de 04 de Julho de 1963, o grupo do Tenente Domingos Lopes, seria um grupo de subversivos, pois segundo essa matéria, em uma batida policial o Sargento Sebastião Vicente localizou próximo um pacote de “*Cannabis Sativa*” maconha. Consta também que esse grupo guerrilheiro expulsou pessoas de suas residências alegando não serem de confiança. Nessas residências foram colocadas pessoas de confiança desses militantes, mas o que eles não contavam que entre essas tinham um delator chamado Maximiano.² Segundo os autos do processo nº 23.184/282, a maneira de encontrar Domingos Lopes e seus companheiros é (...) procurar primeiramente, em Xerém, o ex-pracinha, MARCELINO, também conhecido por “bigode” ou MAXIMINIANO VIEIRA, lavrador na região/ de Rio da areia ou *Mantiqueira*.³

Observar-se que existiam informantes da D.P.P.S. (Departamento de Polícia Política e Social) envolvidos com os guerrilheiros, que segundo esse documento confidencial, era um dos responsáveis em apontar o paradeiro dos integrantes do núcleo de São Lourenço.

A ocupação da fazenda era antiga, havendo casos de posses estabelecidas há mais de 10 anos. Essa ação significava o início de um processo de “limpeza” em toda a região. Seguindo esse raciocínio, com o objetivo de impedir novos despejos, os posseiros resolveram organizar defesa armada. Em agosto de 1961, ocorreu o primeiro conflito armado entre posseiros e grileiros, estes apoiados pela polícia. O evento ocorreu na Fazenda São Lourenço, no Município de Duque de Caxias. Tratava-se da reação de posseiros da região a um despejo judicial, envolveu-se na mobilização um grande número de trabalhadores, quando os policiais chegaram

(...) para executar despejos foram recebidos à bala pelos posseiros

1 Entrevista realizada por mim com os Filhos de Domingos Costa Lopes.

2 O GLOBO. Matéria de 04/07/1963.

3 Processo nº23.184/282 APERJ – Arquivo.

que os esperavam entrincheirados. Era um total de 250 homens armados de espingardas de caça e de repetição vindos de diversos lugares da Baixada Fluminense. Toda a área de acesso ao interior da fazenda passou a ser vigiada por patrulhas de 20 a 30 homens armados, que se comunicava por gritos em código.⁴

Um fato curioso que foi relatado por Ricardo Costa Lopes e confirmado por Nilson Venâncio era a comunicação feita por integrantes do grupo, pois não havia nenhuma tecnologia ao seu favor, as comunicações feitas entre as fazendas e as trincheiras ocorriam de forma não comum aos dias de hoje, porém com muita eficácia naquela época. O grupo ficou tão organizado que por várias vezes Nilson e Domingos e outros integrantes negociavam a entrada da polícia nas fazendas, que quase sempre não entrava. “Dando muitas gargalhadas” Nilson falou que, quem mandava naquela região era o movimento camponês, porém quando não havia acordos o clima ficava “tenso” entre os integrantes e a polícia que ficava de campana.

Alguns integrantes se disfarçavam como sendo de denominação evangélica e portando uma bíblia na mão vinham caminhando cantando hinos evangélicos, pois estes eram uns dos códigos de comunicação usados para alertar os companheiros e quais armas que tinham que guarnecer, quando o capítulo 12 era citado guarnecia-se uma espingarda calibre 12, sendo uma arma de grosso calibre, quando se referia ao versículo 44 era para ao companheiro ficar mais distante da trincheira e dar o primeiro ataque, o versículo 36 era para todos recuarem, pois o efetivo da polícia estava muito grande, pois qualquer resistência poderia ocorrer baixa.

São vários os motivos que levaram essas pessoas a lutarem; Cansados de serem retirados a força de suas casas, e terem suas plantações devastadas, suas colheitas roubadas ou ateavam fogo resolveram se defenderem, pois eram poucos para engajar pela causa, o governador Roberto Silveira do Rio de Janeiro estava preocupado, pois consideravam esses lavradores como bandidos.

4 CORREA, Elisa F. ; MACEDO, Marcelo Hernandez. Zé Pureza e a reforma agrária no Rio de Janeiro do pré-64. UFRJ. Disponível em: < <http://r1.ufrj.br/esa/art/200710-368-392.pdf>>. Acessado em 20/09/2013. pg. 378.

O jornalista Helio Benovolo publicou uma reportagem no jornal Imprensa Popular de 26/04/52, no qual ele apontava que não só a população camponesa estava sofrendo com a tirania do governo, mas também a população local:

Os operários da fábrica nacional de motores e a população camponesa da localidade vivem sob terror – lares são invadidos e trabalhadores caçados – operários são fuzilados, moças são violentadas e crianças são viciadas por bandidos a soldo da F.N.M. – engenheiros americanos fazem o levantamento dos terrenos e promovem a expulsão dos lavradores.⁵

Nota-se que a população camponesa do núcleo de Duque de Caxias, especificamente em Xerém já havia sofrendo antes da década de 60 com a tirania das autoridades locais, principalmente com a polícia da Fábrica Nacional de Motores, que após a década de 60 junto com o Exército passou a fazer varias incursões nesta região, no qual, desapareceram muitos moradores não sabendo até hoje o paradeiro. Esses moradores começaram a se defender das inúmeras tentativas de perder a posse de suas terras para os grileiros, com o uso de arma de fogo, que segundo a entrevista fornecida por Iram Costa Lopes e Nilson Venâncio eram financiados por grupos comunistas, no qual, Iram recebeu o convite para integrar-se, incluindo uma viagem até Cuba para receber treinamento de guerrilha. Apedido de sua mãe, Leonor Costa Lopes, este não aceitou.⁶ Já Nilson Venâncio não fora para Cuba, mas viajou para vários estados brasileiros aonde participou de varias reuniões de sindicatos de lavradores, uma em especial que relatou com muita emoção foi ao capitão foragido do exército, cujo nome era Carlos Lamarca onde aprendeu varias táticas de guerrilha. Como a fazer trincheiras, manusear armamento, atirar de longa distância, saber se comunicar por sinais, sobrevivência na mata, voltando a Xerém para ensinar seus companheiros a se defenderem de possíveis ataques.

Em entrevista a Nilson Venâncio, um importante integrante do movimento camponês relatou como era o dia-a-dia na região agrícola do 3º distrito, as visitas que

5 BENEVOLO, Helio. LAMARÃO – UM INFELIZ POVOADO DO SERTÃO CARIOCA. Imprensa Popular. 1952. p. 4.

6 Entrevista a Iram Costa Lopes. Nilson Venâncio participante desse movimento. 12/03/2013.

fazia aos sítios, aonde que seria marcada as reuniões, o que seria feito quando alguém era preso e torturado, os carregamentos de armas aonde seriam escondidos, quais eram os supostos delatores, como era a sobrevivência na mata, pois existia um clima de desconfiança entre vários sitiantes.

Segundo o jornal globo de 04 de Julho de 1963 cuja matéria, tem subtítulo “Vai a Cuba exemplifica bem essas viagens”. O “capitão” vai a Cuba. ///citação/ A informação e dada por pessoas ligada ao movimento, foi confirmada por sua própria companheira dona Maria Antônia, mãe de nove filhos que perguntou se Cuba ficava muito longe. Não soube dizer o que o marido iria fazer lá.

-ele nunca me diz o que faz.

A verdade e que Joaquim Antônio não tem condições econômicas para, por iniciativa própria, promover a viagem assim como não as teve José Pureza filho cuja residência foi apreendida material subversivo. A viagem está para este mês, pois escolhido segundo informações colhidas em São Lourenço, e pela associação de lavradores de Duque De Caxias instalada no prédio 1652, 3º andar da avenida rio Petrópolis em Caxias. Fin de situação

Nesta reportagem fica bem específico a falta de informação de alguns integrantes desde movimento, pois se tratava de pessoas com baixa instrução escolar, os moradores queriam apenas tranquilidade para plantar e colher em suas terras e viver

(fazer a amarração do texto)

Na verdade não era o que acontecia, havia pouco dialogo, era “resolvido” na base do despejo, os moradores só queriam cultivar a terra, /realmente houve atuação do partido comunista em Xerém. Entre 1960 - 1964

Analisando alguns textos e relatos de quem participava desse movimento conclui-se que realmente existiu varias célula comunista em Xerém, porém era feito tudo na clandestinidade o partido comunista tinha atuação entre posseiros, fazendeiros e arrendatários dessa região agrícola, pois as ocupações eram uma estratégia para ludibriar esses movimentos sociais conquistando território e aderindo mais militantes.

Esse primeiro contato era feito informal, pois geralmente acontecia em um bar ou alguma festividade na região, foi dessa forma que um jornalista do jornal

imprensa popular ou um delator apurou aonde iria acontecer a próxima reunião ⁷ outro local aonde acontecia as reuniões era no “terreiro” local de José pureza muito conhecido na região.

Domingos Costa Lopes relatava aos seus filhos que não se consideravam comunista, pois era um nome “feio” de dizer normalmente diziam que pertenciam ao sindicato.

Tive a oportunidade de visitar junto com Nilson Venâncio alguns sítios aonde aconteceram algumas reuniões, locais de emboscadas contra a polícia, pontos estratégicos de visualização, locais aonde existiam trincheiras, uma em especial perto do sítio do “bambu amarelo” trouxe uma recordação boa para ele e para Domingos lopes, na qual estavam de tocaia com dois companheiros, não disse o nome, só falou que foi uma grande perda, quando de repente foram surpreendidos por um cerco do exercito, porém conseguiram fugir ele e Domingos, mas seus dois companheiros foram mortos na troca de tiro,

7 Imprensa popular 11/11/63 p.8

Entrevista a Ricardo costa Lopes participante desse movimento

Pureza, José (1982). Memória camponesa Rio de Janeiro

7 Jornal o globo 04/07/1963